



## **Manipulação de Fotografias em Redes Sociais: um Estudo de Caso sobre as Fotomontagens do Período de Chuvas em Salvador<sup>1</sup>**

Amana DULTRA<sup>2</sup>

Daniele RODRIGUES<sup>3</sup>

Eduardo COUTINHO<sup>4</sup>

Luana OLIVEIRA<sup>5</sup>

Tayse ARGÔLO<sup>6</sup>

André LEMOS<sup>7</sup>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### **Resumo**

Este artigo apresenta um estudo de caso sobre as fotomontagens do período de chuvas em Salvador, no mês de Novembro de 2011, que foram veiculadas através do Facebook com um grande número de compartilhamentos. Pretende-se, inicialmente, conceituar a noção de imagem e de fotografia digitais para compreender como estes elementos estão presentes no estudo em questão. Busca-se também compreender as características chargísticas presentes nas fotomontagens sob o viés da crítica política e humorística. Por fim, será analisado o papel das redes sociais da internet para a rápida difusão de informações.

**Palavras-chave:** Fotografia digital, Fotomontagem, Charge, Facebook.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Comunicação Multimídia do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012

<sup>2</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufba, email: amanadultra@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufba, email: rodrigues.daniele@hotmail.com

<sup>4</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufba, email: educoutinho9@gmail.com

<sup>5</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufba, email: luana\_oliveira90@hotmail.com

<sup>6</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Ufba, email: tayseargolo@gmail.com

<sup>7</sup> Professor Associado da Facom/Ufba. Pesquisador do CnPq. Orientador do trabalho, email: alemos@ufba.br



### **As fotomontagens relacionadas às chuvas em Salvador**

As fotomontagens, aqui consideradas, têm o seu sentido vinculado a um período de tempo específico e só produzem o efeito de crítica e humor quando analisadas dentro de um momento histórico e político determinado. No caso das fotomontagens relacionadas às chuvas em Salvador, é indispensável analisar o contexto político de sua produção. Para tal, será feito aqui um breve apanhado sobre a conjuntura da gestão de João Henrique Carneiro, durante o período das chuvas.

A administração do prefeito, que estava em seu sexto ano de governo, segundo ano após a reeleição, passava por um momento de grande reprovação por parte da população da cidade. Em 2009, em pesquisa feita pelo Instituto Datafolha, o prefeito teve a popularidade mais baixa entre todas as capitais avaliadas (5,1 de 10). Em dezembro de 2010, a crise de popularidade da gestão foi agravada com a notícia de que o Tribunal de Contas dos Municípios rejeitou, por unanimidade, a sua prestação de contas relativa ao ano de 2009.

Em relação às chuvas, é importante destacar o caráter previsível dos pontos de alagamento na cidade e a negligência da prefeitura e demais órgãos públicos. Em maio de 2009, foram registradas seis mortes em decorrência dos alagamentos, que atingiram regiões como Iguatemi, Avenidas San Martin e Miguel Calmon, Vale do Ogunjá e Dique do Tororó. Em abril de 2010, segundo dados da Defesa Civil, foram pelo menos seis os pontos de alagamento na cidade, destacando-se a região do Imbuí e do Parque da Cidade<sup>8</sup>. Em março de 2011, as inundações atingiram locais como as avenidas Centenário e Garibaldi, regiões onde já se espera que ocorra esse tipo de problema. As avenidas Paralela, ACM e Bonocô foram inundadas em todos os períodos de chuva citados.

O maior problema provocado pelas chuvas de maio de 2011 está relacionado à questão da mobilidade urbana. Tal aspecto, por ter importância central na vida urbana, provocou uma série de constrangimentos e, por isso, foi uma dos grandes impulsionadores das críticas à administração pública, já que, como afirma Lemos (2009, p.1) “a questão da mobilidade é central para a discussão sobre o espaço urbano já que

---

<sup>8</sup> Informação disponível em: < <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/chuva-suspende-aulas-e-provoca-caos-no-transito-em-salvador-20100415.html>>. Acesso em: 05/12/11.



está no cerne de sua evolução, desde as primeiras necrópoles, passando pelos burgos medievais e a cidade industrial do século XX, com a expansão dos meios de transporte e das mídias de massa”.

No contexto de insatisfação generalizada com a gestão do prefeito João Henrique Carneiro e da situação caótica em que se encontrava Salvador com as chuvas, o movimento de fotomontagens que surgiu no Facebook em novembro de 2011 se configura numa crítica bem humorada à administração da cidade. É através da manipulação da fotografia e de sua transformação em um gênero de charge que pessoas se manifestaram, de forma irônica, insatisfeitas com a situação da cidade e com a gestão do prefeito.

As montagens divulgadas pelas redes sociais se referem aos alagamentos que aconteceram durante as chuvas do mês de novembro em Salvador. Apenas entre os dias 8 e 10 do mês, a Defesa Civil recebeu 359 solicitações de emergência, entre elas 210 deslizamentos de terra, 10 alagamentos de área, 11 desabamentos de imóveis, 17 desabamentos parciais, 48 ameaças de desabamento de imóveis e 16 desabamentos de muro<sup>9</sup>. Entre os pontos de alagamento, estavam regiões da Avenida Paralela, Iguatemi, Vale do Canela, Acesso Norte e Bonocô, algumas das principais vias da cidade, além de bairros do subúrbio ferroviário e da Cidade Baixa.

A escolha por analisar o caso das fotomontagens se justifica por este ter sido um caso relativamente recente e de grande repercussão no ambiente das redes sociais em Salvador. Pode-se, com esse estudo, estabelecer relações entre a fotografia e as tecnologias digitais; o engajamento político e o humor; e os rumores na internet e a disseminação de dados nas redes sociais. Foram escolhidas para análise as fotomontagens que continham sobreposições bem diferentes entre si, mas que possuíam a mesma foto-base. Essa escolha se deu para proporcionar certa unidade ao *corpus*, não prejudicando, porém, a variedade das releituras feitas pelos usuários.

A foto-base, que dá unicidade ao *corpus* analisado, é o cenário para a narrativa crítica e humorística construída a partir da introdução de outras imagens, com o uso de programas de edição e manipulação de fotos. As fotomontagens, portanto, tem como plano de fundo a dificuldade dos veículos em se moverem por áreas alagadas. É

---

<sup>9</sup> Informação disponível em: <<http://www.itapoanonline.com/portal/plantao/noticia.aspx?nid=145214>>. Acesso em: 05/12/11.



possível identificar facilmente que a via urbana é a Avenida Juracy Magalhães Júnior, pois se trata de uma das vias de maior circulação de automóveis da cidade. Acredita-se que a foto-base foi feita por um motorista de dentro do seu carro, que, ao que tudo indica, fotografou utilizando um aparelho celular. A inserção desses componentes imagéticos (podendo ser desenhos, recortes de outras fotografias ou até fotografias manipuladas), constroem as fotomontagens e conferem a elas a caráter humorístico previamente citado. Uma vez construídas, as fotomontagens possuem aspectos particulares, estabelecendo no conjunto uma crítica ao contexto local.

Pretende-se mostrar que, apesar de todas as fotomontagens analisadas terem em comum o uso do humor para promover uma crítica social e política à administração da Prefeitura, é pertinente separá-las em grupos (elementos de crítica política direta e elementos ficcionais) a partir dos seus elementos significativos mais marcantes, sem considerar o mérito da intenção do seu autor.



Fotomontagem 1



Fotomontagem 2

### **Crítica política direta**

As imagens 1 e 2 podem ser entendidas como uma crítica política direta à administração da cidade. A primeira, com a imagem do prefeito, agrega ironia ao satirizá-lo e ridicularizá-lo. Já a segunda, com a foto do *ferryboat*, une duas problemáticas recorrentes na cidade, o alagamento das vias e as péssimas condições de transporte marítimo (estruturas precárias das embarcações e ineficácia organizacional da concessionária responsável por esse transporte na Baía de Todos os Santos).



Fotomontagem 3



Fotomontagem 4



Fotomontagem 5



Fotomontagem 6



Fotomontagem 7



Fotomontagem 8



Fotomontagem 9



Fotomontagem 10



### **Crítica através de elementos ficcionais**

As outras imagens utilizam principalmente situações ficcionais ou improváveis para expressar sua crítica política e, assim, possuem um determinante caráter lúdico e se diferenciam das duas primeiras imagens. O uso de imagens de embarcações (Fotomontagens 3, 4 e 5) é uma sátira, ao nível da água na avenida, bem como o uso das imagens de um jet-ski (Fotomontagem 6) e de um tubarão (Fotomontagem 7), elementos que só poderiam se locomover em regiões onde o nível da água fosse alto, com uma profundidade que seria impossível em uma avenida urbana. A impossibilidade real dos elementos usados estarem no local retratado reforça os traços que caracterizam as fotomontagens como charges, como o exagero. O uso de personagens de ficção nas fotografias, como Pereirinha (Fotomontagem 8) – personagem da novela Fina Estampa – e o Capitão Jack Sparrow (Fotomontagem 9) – da série de filmes Piratas do Caribe –, destaca o caráter lúdico que as fotomontagens acrescentam ao contexto de manifestações políticas. A característica de impossibilidade de acontecimento real do que é mostrado nessas imagens, como Jesus andando sobre as águas (Fotomontagem 10), provocam o riso e o divertimento das pessoas, ao mesmo tempo em que apresentam uma crítica e a indignação dos cidadãos.

Por se tratar de uma forma divertida de manifestar a insatisfação, as fotomontagens se espalharam rapidamente entre grupos de amigos no Facebook. Está em jogo aqui a possibilidade de manipulação digital da imagem, as redes sociais e a disseminação da informação, além da charge como elemento de crítica política associada ao humor. A seguir, estes serão os aspectos analisados.

### **A manipulação da imagem digital**

A imagem digital é uma imagem construída através de uma linguagem numérica composta por algoritmos zeros e uns (SOULAGES, 2011). A imagem, propriamente dita, é uma superfície que pretende representar algo que se encontra no mundo, sendo assim resultado de um esforço para transformar, a partir de abstração, quatro dimensões em duas. Em linhas gerais, pode-se afirmar que a imagem digital se forma através do sistema RGB, ou seja, da mescla entre o vermelho (*red*), o verde (*green*) e o azul (*blue*). Cada pixel de uma fotografia digital, por exemplo, é composto por estas três cores e sua



posição. As imagens são construções simbólicas e sociais polissêmicas, elas se interpõem entre o homem e o mundo, a fim de mediá-los (FLUSSER, 2011). Para fins metodológicos, é preciso esclarecer que este trabalho não versará sobre imagens de toda natureza, mas, apenas, sobre a imagem técnica que, como conceitua Flusser, é uma “imagem produzida por aparelhos” (2011, p. 29).

A primeira imagem digital foi criada em 1957<sup>10</sup> no National Institute of Standards and Technology, nos Estados Unidos da América, e desenvolveu-se, como tantas outras tecnologias presentes hoje, como o celular e a internet, durante a Guerra Fria. ESSA imagem foi resultado do escaneamento da fotografia de um bebê. As primeiras imagens digitais que tiveram mais repercussão, porém, foram as de Marte, que datam de 1965.

A fotografia digital, no entanto, não mais depende da transformação de imagens analógicas em numéricas, já sendo possível a produção digital de fotografias. A primeira câmera digital foi criada pela empresa Kodak, em 1975, e era um modelo híbrido composto por um conversor analógico-digital, uma lente 35 mm e um chip CCD<sup>11</sup>. O CCD, ponto central da produção digital, é um pequeno processador que converte em variações de corrente elétrica a luz que captura.

No entanto, para fabricar uma imagem digital é mais rápido, partir de uma imagem preexistente (JULLIER, 1998, p. 21). Isso se torna possível, por exemplo, através da vetorização (transformação de imagens de rastreio – formadas por pixels – em imagens vetoriais) ou da manipulação através de programas como Photoshop<sup>12</sup> e Gimp<sup>13</sup>, que não apenas possibilitam a edição das imagens digitais (conhecida em fotografia como tratamento: ajuste de exposição – clareamento ou escurecimento da imagem –, ajuste de contraste, entre outros), mas também a sobreposição de imagens, mais comumente chamada de montagem.

---

<sup>10</sup> Disponível em: < <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=15402>> e em < [http://idgnow.uol.com.br/computacao\\_pessoal/2007/05/25/idgnoticia.2007-05-25.3211821373/](http://idgnow.uol.com.br/computacao_pessoal/2007/05/25/idgnoticia.2007-05-25.3211821373/)>. Acesso em: 03/12/2011.

<sup>11</sup> Disponível em: < <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=2776>> e em < <http://forum.mundofotografico.com.br/index.php?topic=5141.0>>.

<sup>12</sup> Programa de edição e manipulação de imagens, principalmente de rastreio. É propriedade da empresa Adobe Systems.

<sup>13</sup> Programa de edição e manipulação de imagem, principalmente de rastreio. É um *software* livre e, portanto tem o código aberto, o que permite a colaboração do usuário.



Jullier (1998, p. 124) afirma que a imagem digital amplia o domínio do homem sobre as imagens e, no caso da fotografia, isto se dá em três aspectos: 1. A popularização da própria produção da fotografia a partir do advento dos aparelhos digitais; 2. A facilidade em atuar no processo de pós-produção, como as já citadas montagens e, 3. A distribuição em rede possibilitada pelo surgimento da internet.

O ano de 2003 é considerado o marco da popularização da fotografia digital, pela Photography Marketing Association, convenção de tecnologia que acontece nos Estados Unidos. Nesse ano, as câmeras digitais alcançaram 28% dos domicílios estadunidenses (o que para os padrões estabelecidos já as torna um produto de consumo de massa). Este processo se deu sobre dois aspectos: econômico e técnico. Quanto ao econômico, os aparelhos fotográficos digitais passaram a ser mais baratos do que os analógicos, além de não ser mais necessária a revelação dos rolos de negativos, o que contribuiu para a diminuição de custos.

No que se referem à questão técnica, as mudanças na produção envolvem a possibilidade de ver a fotografia quase que instantaneamente após clicá-la facilitou o processo de fotografar, além do surgimento de pré-configurações para a câmera, como o modo noite, paisagem ou retrato, que ajustam focagem, tempo de exposição, balanço de branco, entre outros, fundamentadas em uma base de dados que fornecem informações sobre situações comuns ideais e também do maior acesso aos programas de pós-produção. Já as mudanças na distribuição das imagens, se dão pela facilidade em compartilhá-las através do celular via MMS ou dos smartphones, via internet.

Os procedimentos de manipulação, no entanto, já eram realizados com as fotografias analógicas e tornaram-se, com a digitalização, muito mais acessíveis e sofisticados. Flusser (2011) afirma que a manipulação das fotografias acontece de forma dialógica, o que significa que novas informações SÃO acrescentadas a ela. O exemplo que ele nos dá, de desenho de bigodes sobre fotografias impressas, revela o momento histórico em que escreveu o seu texto. Aplicando o conceito ao contexto digital, podem-se enquadrar as fotomontagens feitas a partir de programas de manipulação de imagens no quadro de manipulação dialógicas.

Quando as imagens digitais apareceram, os casos de manipulação se tornaram mais comuns, tanto no fotojornalismo quanto na internet de forma lúdica. O senso comum associou a falsificação ao processo digital. É muito comum ver as pessoas se



questionarem diante de uma fotografia se o que está ali representado *aconteceu de verdade* ou, ainda, se a beleza da foto é *mesmo* de autoria do fotógrafo ou ficou assim através da utilização de programas de edição e manipulação. Portanto, a imagem digital amplia as formas de manipulação, mas não as inaugura.

No contexto da cibercultura, a fotografia digital (seja a feita com celulares ou com câmeras fotográficas) transforma-se em uma informação compartilhada e distribuída de forma instantânea na rede, estando disponível mundialmente, e não mais restrita aos álbuns de família, por exemplo. Atualmente, com a fotografia digital e a internet, o “aparelho de distribuição passa a fazer parte integrante do aparelho fotográfico” (FLUSSER, 2011, p. 15). É sobre este novo modo de distribuição e difusão de imagens que o próximo tópico versará, pois o Facebook, site de rede social que foi espaço para a disseminação das fotomontagens em questão, faz parte deste contexto.

### **Redes sociais, relações humanas e difusão de informação**

Antes mesmo de ser usada como referência aos sites de relacionamento online, pode-se afirmar que uma rede social é todo tipo de relação entre pessoas ou organizações em interação. Segundo Recuero (2005, p. 5) uma rede social, “têm sempre um caráter social perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo”. Para o antropólogo J. A. Barnes, um dos primeiros, em 1954, a conceituar redes sociais, elas são complexas relações de comércio, família ou comunidade. Para ele, as redes sociais são “a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias” (BARNER apud ACIOLI, 1987). O principal fator que liga os componentes das redes sociais é a identificação, a partilha de valores e gostos entre seus membros.

O conceito de rede social utilizado neste artigo é aquele que remete aos sites de redes sociais, onde relações sociais se realizam em um meio específico por conexões possibilitadas pela tecnologia através de plataformas online. A principal característica das redes sociais é a autogeração de dados, em que cada pessoa pode ser mediadora e fornecedora de informações, contribuindo para o que pode ser veiculado na rede. Portanto, as redes sociais possuem uma estrutura descentralizada, horizontal e não hierárquica (WEISSBERG, 2004). A esse respeito, Weissberg (p. 123) afirma que “tecer a rede por cooperação, progressivamente, a partir dos atores, fazer dela uma



construção coletiva, organizar seu crescimento, todas essas disposições, lembremos, afirmam um modelo institucional ascendente, imanente, que tem por finalidade seu autodesenvolvimento”. Ainda que não haja uma figura central, existem mediadores principais ou os que se destacam em determinados meios, que acabam por pautar o que deve ser visto ou lido.

O site Facebook faz parte da categoria dos sites de redes sociais. Ele foi lançado em fevereiro de 2004, inicialmente destinado a conectar os estudantes das universidades norte-americanas. Hoje, o Facebook possibilita ao usuário se comunicar com um grupo de amigos restringidos por ele mesmo, não permitindo, caso seja sua escolha, que “não-amigos” tenham acesso a seus dados pessoais. Permite, também, o compartilhamento de links, vídeos e imagens e, dentre outras ferramentas, possui o mural, em que o usuário pode atualizar o seu status, ou seja, informar aos seus contatos, e a quem mais tiver acesso a seus dados, sobre o que se está fazendo, aonde, com quem e em que momento.

Foi a partir de julho de 2007 que o Facebook, que até então só permitia postagens de textos, passou a permitir postagem de anexos no mural, como fotografias e vídeos. Segundo o site Tecnologia do Globo<sup>14</sup>, cerca de 850 milhões de fotografias são inseridas por mês no Facebook. O mural permite, ainda, que recados sejam trocados por todos os usuários da rede e que sejam compartilhados diversos tipos de *links*. O compartilhamento de informações (publicação em seu perfil ou no perfil de amigos de conteúdo provenientes de outro ambiente da rede), seja foto ou link, facilita a difusão de qualquer tipo de material. É possível observar que a maioria dos compartilhamentos que acontecem de modo epidêmico tem, em sua maioria, caráter lúdico.

### **Charge: humor e crítica política em imagens**

A charge é um gênero discursivo que mescla o discurso político e humorístico. A charge contém a “presença do elemento não verbal, da ironia, da crítica a uma personagem ou fato político e do humor” (SOUSA, 2009, p. 34) e consiste também em um comentário, tendo o seu valor inicial por trazer o que já foi dito. Se determinado assunto se tornou tema para uma charge, significa que ele tem alguma relevância no contexto em que está inserido.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.tecnologiadoglobo.com/2009/05/twitter-vs-facebook/>>. Acesso em: 11/12/11.



A história das caricaturas e, por consequência, das charges, começa na Inglaterra, com as revistas humorísticas do final do século XVII e que se espalharam por todo o continente europeu. O principal assunto das primeiras caricaturas e charges eram as famílias reais e a situação de crise nas monarquias europeias. Já no Brasil, as primeiras caricaturas aparecem oficialmente em 1808, depois da vinda da família real para a colônia, já que até esse momento eram proibidas publicações nacionais. A partir desse período, e durante todo o século XIX, as imagens publicadas eram charges e desenhos baseados em fotografias.

Inicialmente, o termo caricatura referia-se a todos os tipos de obras de humor gráfico, até o surgimento dos Salões de Humor, no século XX, e com eles a necessidade de categorizar as obras, passando-se a considerar o humor gráfico como quadro geral e a diferenciar charge, cartum e caricatura (SILVA, 2008, p. 77).

A charge é formada por um único desenho ou fotografia que pode vir acompanhado de um texto verbal. O assunto é algo da atualidade, que esteja agendado pela mídia, e normalmente tem caráter local e dialógico, já que exige que o leitor faça parte do contexto apresentado. A intertextualidade da charge é outra característica importante, havendo tanto a intertextualidade com a manchete ou notícia – quando a charge é publicada em periódicos, sendo para isso necessária a presença de personagens e fatos reais expostos nos noticiários – quanto com outros elementos que são de conhecimento público, sendo comum a presença de ditos populares, lendas, novelas ou filmes famosos no texto chargístico.

Já os cartuns, no entanto, não têm relação com a atualidade jornalística, seu humor é atemporal e pode ser entendido facilmente fora do contexto de sua produção. A caricatura, por sua vez, trabalha com “transgressões estéticas que possam induzir ao riso, embora possam ter intenções que não sejam de desqualificação” (Silva, 2008, p. 84). Depreende-se, portanto, que, embora de diferentes formas, todos os textos de humor gráfico dependem da partilha de saberes e referências entre o autor e o leitor. Dentre a tipologia de humor gráfico já citada, as fotomontagens podem ser consideradas um tipo de charge, pois possuem caráter atual, humorístico e crítico. As fotomontagens digitais consistem em fotografias que, segundo Silva (2008), sofrem intervenção, seja para retocá-las ou para inserir elementos verbais ou imagéticos, a fim de torná-las cômicas. A característica de maior relevância desse tipo de charge é a possibilidade de



ser produzida por pessoas comuns, não por desenhistas ou escritores, e também de ser veiculado pela internet, prescindindo de empresas de comunicação para a distribuição da imagem. As charges, portanto, contribuem para a construção do imaginário coletivo.

Para Jenkins (2008, p. 286), o uso do Photoshop (provavelmente o programa mais utilizado no estudo de caso) para construir uma fotomontagem seria uma tentativa de reunir os assuntos do momento em uma imagem poderosa. Ele afirma que, segundo John Kroll, um dos co-autores do programa, o Photoshop seria um democratizador da mídia de duas formas: “possibilitando que grupos menores tivessem imagens de qualidade com baixo custo e permitindo que o público manipulasse e circulasse a imagem para fazer manifestos políticos”. Seguindo esse pensamento, cada compartilhamento de uma imagem através do Facebook, por exemplo, seria uma reafirmação da ideia exposta, e equivaleria a distribuir panfletos políticos. O próprio Jenkins (2008, p. 288), no entanto, afirma que a mesma ferramenta pode se transformar em um meio de superficialização do debate político e de ridicularização dos personagens e temas envolvidos.

Por serem arquivos leves (com poucos bytes), as fotomontagens podem circular por email, Facebook, Orkut com facilidade. Para Jenkins (2008), na maioria dos casos elas são usadas na reafirmação de uma ideia, sendo disseminadas entre pessoas com pensamentos afins, mas sempre mantendo o caráter crítico e cômico. Algumas têm objetivo de levar o leitor à reflexão, outras apenas a rir. Pode-se dizer que elas marcam uma mudança na forma de disseminação de informação, mais descentralizada e horizontalizada e ainda, no caso das fotomontagens das chuvas de Salvador, Que elas têm uma dinâmica próxima à dos rumores.

### **As imagens enquanto rumores na internet**

A intencionalidade de produzir uma crítica e uma forma de protesto com as fotomontagens justifica-se porque elas não se propõem a parecer reais, a fazer com que as pessoas criem nelas, mas valorizar um de seus aspectos. Pode-se, portanto relacionar o fenômeno de difusão das fotomontagens das chuvas em Salvador com o rumor.

Em palestra, o sociólogo Jean-Bruno Renard, afirma que a internet pode ser um meio para a expansão de rumores. Ele considera que os rumores são informações não verificáveis que circulam em um meio social e que as pessoas acreditam porque *parecem* verdadeiros. Assim, seria impossível a distinção entre um rumor falso e um



verdadeiro. Para Renard, as imagens com manipulação são rumores, pois não se pode confirmar sua autenticidade. Sobre a autoria dos rumores, ele afirma que não há como saber a identidade do verdadeiro autor, pois só se conhece o transmissor e não há como provar que o remetente é o autor (informações verbais)<sup>15</sup>.

Em relação às fotomontagens analisadas, elas se afastam das conceituações sobre rumores no que se refere à aparência de verdade. Em sua maior parte, as imagens são nitidamente falsas e sua despreocupação estética corrobora a ausência de veracidade. No entanto, pode-se entendê-las como distorções de uma informação verdadeira, visto que são baseadas em uma fotografia real e que, de fato, a cidade estava alagada como representado. Assim, os acréscimos de imagens à fotografia produzem distorções da imagem original. As considerações sobre a autoria dos rumores são totalmente aplicáveis para o episódio de difusão das fotomontagens nas redes sociais, pois não se sabe quem tirou a fotografia<sup>16</sup> e quem fez a primeira montagem. Tudo o que as pessoas sabem diz respeito à forma como essa imagem chegou a elas e não há provas de que o transmissor seja o responsável pela produção da imagem.

Por circular na internet, meio que propicia a difusão múltipla de informações, acredita-se que a disseminação dessas fotomontagens reflete uma necessidade de passar adiante o que se vê sem pensar muito a respeito, sem averiguar a veracidade do conteúdo veiculado. Neste caso, não se trata em apostar na veracidade das imagens, já que são claramente caricaturas, mas fazer humor com a situação da cidade. Isso permite a rápida circulação de informações e, no caso da difusão das fotomontagens no Facebook, o compartilhamento ocasionou um fenômeno de apropriação e modificação das imagens, que resultou na criação de novas fotomontagens e na disseminação dessa crítica humorística entre os usuários da rede. Considerando as imagens como manifestos políticos, o ato de compartilhá-las reafirmou a ideia de insatisfação com as atitudes do gestor da cidade para lidar com a situação precária em que a cidade se encontrou no período das chuvas.

## **Conclusão**

---

<sup>15</sup> Informações retiradas de palestra “Rumores na Internet” proferida no dia 21 de novembro de 2011, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

<sup>16</sup> Os autores do artigo procuraram exaustivamente encontrar a foto-base ou mesmo o autor da primeira fotomontagem e nenhuma informação pôde ser recuperada.



As fotomontagens aqui analisadas, criadas a partir da fotografia do alagamento das ruas de Salvador, são exemplos do uso da manipulação da fotografia digital que pode transformá-la em ferramenta de crítica política com caráter humorístico. O avanço tecnológico que possibilitou o surgimento das imagens digitais, uma das revoluções advindas com o uso do código binário, e que por sua vez tornou possível a popularização dos equipamentos fotográficos e o aperfeiçoamento da pós-produção fotográfica, é também responsável pelos novos modos de distribuição e, principalmente, pela reconfiguração dos modos de apropriação da imagem, como mostrado.

O caso apresentado demonstra a ampla insatisfação dos usuários soteropolitanos com a estrutura da cidade para as chuvas e com a administração do prefeito João Henrique. No entanto, o mais importante a se pontuar foi a opção de reagir de forma lúdica ao acontecimento. Além disso, ainda é possível observar a eficiência do Facebook, enquanto rede social, para a disseminação rápida das imagens, não apenas repassando as já existentes, mas também possibilitando a criação e repasse de novas fotomontagens, reafirmando as características básicas da rede de colaboração e reapropriação.

### Referências bibliográficas

ACIOLI, Sonia. *Redes Sociais e Teoria Social: Revendo os Fundamentos do conceito*. Informação & Informação, Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Frevistas%2Fiel%2Findex.php%2Finformacao%2Farticle%2Fdownload%2F1784%2F1520&ei=E0fpTpXkHY6gsQLFzJjYCA&usg=AFQjCNEICnySzdF0ywN0xzxAP2TvwI95cA>>. Acesso em: 05/12/11.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011. 108p.

FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado*. Organização Rafael Cardoso. Tradução Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Nacif, 2007. 224p.

JULLIER, Laurent. *La imagen digital: de la tecnología a la estética*. Buenos Aires: La Marca, 1998.

PELLANDA, Eduardo Campos. (Org.) *Locast Civic Media: Internet móvel, cidadania e informação hiperlocal*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/locastcivicmedia.pdf>>. Acesso em: 05/12/2011.



RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Ciberultura. 191 p. Disponível em: <<http://issuu.com/midia8/docs/socialmedia>>. Acesso em: 05/12/2011.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC, 2009.

SILVA, Ivam Cabral da. *Humor gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: <[http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2383](http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2383)>. Acesso em: 05/12/2011.

SOUSA, Waldenia Klesia Maciel Vargas. O discurso político-crítico no gênero charge. *Ráido*, Dourados, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/343/396>>. Acesso em 05/12/2011.

WEISSBERG, Jean-Louis. Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, André. *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.